



GRAFFITI ENQUANTO FATOR DE DEGRADAÇÃO DAS CIDADES. O EXEMPLO DA IGREJA DE SÃO VICENTE DE FORA

Carlos Costa ¹

¹ Atelier Samthiago – Carlos José Abreu da Silva Costa, Lda; Rua de Olivença, 98 – 4900-334 Viana do Castelo; ccosta@samthiago.com

Palavras-chave: Restauro, Conservação, Pedra, *Graffiti*

Sumário: O ambiente social está diretamente relacionado com a degradação de monumentos públicos e, consequentemente, com a degradação das cidades. Nestes casos, atuar diretamente sobre a patologia em ações de cariz preventivo não irá conduzir a uma minimização do fator, mas apenas a uma redução do impacto, já que o risco não poderá ser controlado por ações técnicas concretas. Com o exemplo da intervenção de remoção de *Graffiti*, e consequente aplicação de proteção na Igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa, pretende-se ilustrar o modo como, com ações de cariz preventivo, deverá ser conduzida a metodologia de resolução desta patologia.

1. NOTA INTRODUTÓRIA

São diversas as causas que podem levar à degradação de um monumento. Em termos sintéticos, podemos dividi-las em causas de dois tipos: intrínsecas ou extrínsecas. Os fatores de degradação extrínsecos relacionam-se com o meio envolvente, podendo distinguir entre ambiente natural e ambiente social.

Os *graffiti* são uma patologia degradativa dos monumentos que se inclui neste último fator, exatamente a do ambiente social envolvente. Apesar de não interferir com a estrutura ou segurança do edificado, destrói a sua estética, a leitura que fazemos do monumento e, em última análise, a própria cidade em que se insere. A problemática surge por mera ação danosa contra o património alheio ou por expressão artística assinada pelo autor, podendo os *graffiti* traduzir de forma fiel e leal o circunstancialismo histórico, social e político em que ocorrem - momentos de crise social, desemprego, pretensão de uma determinada ideologia política ou de determinado partido político em detrimento de outros.

2. A IGREJA DE SÃO VICENTE DE FORA E A INTERVENÇÃO DE REMOÇÃO E PROTEÇÃO ANTI-GRAFFITI

A Igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa, Monumento Nacional desde 1910, propriedade do Patriarcado de Lisboa e afeto à Direção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, desde 2009, apresentava a sua fachada norte coberta de *graffiti*. Os *graffiti* aí colocados eram sobretudo constituídos por frases revolucionárias e ideológicas, perfeitamente enquadráveis em termos espaciais e temporais.



Figuras 1 e 2: Vista de um dos troços antes e após a intervenção de conservação

Em Agosto de 2011, foram adjudicados à empresa Samthiago os trabalhos relativos à limpeza e consequente proteção anti-graffiti. Estes graffiti localizavam-se em 20 dos 27 troços da fachada, até cerca de dois metros de altura.

Com o início dos trabalhos, foram realizados testes, de forma a se poder organizar e orientar a intervenção de um modo cientificamente fundado e fundamentado, sendo que após esta fase, se procedeu à limpeza propriamente dita. A intervenção efetuada teve um condicionalismo acrescido, uma vez que todo o monumento tinha já sido intervencionado, pelo que se impunha alcançar resultados semelhantes, de modo a que a leitura geral do edifício não se revelasse comprometida.

Com a conclusão destes trabalhos foi importante adotar medidas preventivas, as quais não se revelam totalmente eficazes, pois o problema em si não permite uma solução técnica de aplicação tópica; trata-se antes de uma problemática extrínseca, relacionada com o ambiente social envolvente. A aplicação de uma proteção final ou, se preferirmos, de uma camada de sacrifício, constitui o único meio ativo de prevenção e de minimização dos danos causados por um potencial reaparecimento de graffiti. A avaliação da eficiência do anti graffiti é quantificada através da determinação do ângulo de contacto rocha-produto, uma vez que esta propriedade reflete o carácter hidrófilo ou hidrófobo do material: a rocha sem tratamento à superfície possui características hidrófilas, caracterizadas por um ângulo de contato inferior a 90°; depois dos tratamentos, o ângulo de contato supera os 90° transformando a rocha numa superfície hidrófuga, minimizando o grau de penetração do graffiti.

As eficientes metodologias de resolução desta problemática urbana passam, no entanto, por 3 ações não objetivas, e que envolvem a sociedade: remoção imediata de qualquer tipo de foco de graffiti, de efeito dissuasor, valorização dos que se apresentem como expressões de arte em detrimento dos restantes e sensibilização de modo inteligente e exaustivo às várias faixas etárias. Apenas assim poderemos chegar a uma melhor educação e responsabilização sobre a preservação dos monumentos e cidades.

3. REFERÊNCIAS

- [1] Abreu, J. B. - *A Recuperação dos Claustros*, Monumentos 2, DGEMN, Lisboa, 1995, 45-46.
- [2] Almeida, F., (coord. de) - *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, Lisboa - Tomo II, Lisboa, 1975.
- [3] Barros, L. A. - *As rochas dos monumentos Portugueses, Tipologias e Patologias*, Volume I e II, IPPAR, Lisboa, 2001.
- [4] Barros, A. - *Alteração e alterabilidade das rochas*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1991.
- [5] Brandi, C. *Teoria del Restauro*, Piccola Biblioteca Einaudi, Torino, 1963.
- [6] Córias, V. - *Reabilitação Estrutural de Edifícios Antigos*, Argumentum e GECORPA, Lisboa, 2007.
- [7] Costa, J. B. - *Estudo e classificação de rochas por exame macroscópico*, 6ª Edição, Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1965.
- [8] Guedes, N. C. - *Reutilização Cultural de S. Vicente de Fora (1993-1994)*, Monumentos 2, DGEMN, Lisboa, 1995, 60-63.
- [9] Oliveira, C. S. [et al.] - *Portaria de São Vicente de Fora*, Monumentos 2, DGEMN, Lisboa, 1995, 54-59
- [10] Rodrigues, J. D. - *Conservação de Monumentos. Aspectos Técnicos e metodológicos*, Geotecnia, 89 (2000) 15-30.